

A assombrosa dialéctica de um intelectual puro

Vasco Rosa*

Keywords

António Ferro, Cardial Diabo, *Diário de Notícias*, Fernando Pessoa, Fascism.

Abstract

In a commentary written – with a pseudonym – on occasion of the first anniversary of Fernando Pessoa's death, Antonio Ferro coincides, in 1936, with some fundamental keys of Pessoaan scholarship.

Palavras-chave

António Ferro, Cardial Diabo, *Diário de Notícias*, Fernando Pessoa, Fascismo.

Resumo

Num comentário, sob pseudónimo, ao primeiro aniversário da morte de Fernando Pessoa, António Ferro coincide, em 1936, com algumas chaves fundamentais dos Estudos Pessoaanos.

* Editor e investigador independente.

Director do Secretariado da Propaganda Nacional, criado em Outubro de 1933, António Ferro (1895-1956) não abandonou a sua vocação jornalística, tendo assinado em 1936, no mesmo *Diário de Notícias* em que se distinguira, uma coluna semanal com o pseudónimo “Cardial Diabo” — uma máscara que o *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses* (Biblioteca Nacional de Portugal, 1999, p. 59) desvendou, mas as fotobiografias não esclarecem. A fundamental *Pessoana* de José Blanco também não regista este documento — publicado no *Diário de Notícias* de 30 de Novembro de 1936 — que assinala o primeiro aniversário da morte do poeta de *Mensagem* (premiada pelo SPN em 1934) e principal figura do nosso primeiro modernismo, enquanto o próprio Ferro, jovem “editor irresponsável” de *Orpheu* e autor de *Teoria da Indiferença* (1920) e de *Leviana* (1921), se fazia notado através de uma verve jornalística e conferencial que haveria de levar ao paroxismo enquanto retinto admirador de Mussolini.

Curiosamente, António Ferro parte de um célebre artigo, no *Diário de Lisboa* de 4 de Fevereiro de 1935, em que Pessoa fez a defesa da legalidade das associações secretas, entre as quais a Maçonaria (reagindo a um projecto-lei; ver Pessoa, 2011), para ir ao encontro de algumas chaves essenciais dos estudos pessoanos, a saber: os “jogos [de] inteligência maravilhosa”, a “volúpia subtil de contradizer para dizer” e a “alma sem fim”. Ora, o facsímile integral dessa crónica mostra-nos, sem escapatória, que na década de 1930 o compromisso político-ideológico dominara o modernista António Ferro, o que serviu para turvar e fragilizar — ainda hoje!... — a avaliação da sua obra de inegável vanguardismo e de utopismo cultural.¹

¹ Veja-se: Vasco Rosa, “António Ferro e os artistas: uma reavaliação”, comunicação apresentada no colóquio da Fundação António Quadros, realizado na Sociedade de Geografia de Lisboa, para assinalar os 120 anos do nascimento de António Ferro; texto publicado no jornal online *Observador*, a 27 de Abril de 2015: <http://observador.pt/2015/04/27/antonio-ferro-e-os-artistas/>.

GEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES
DIRECTOR — EDUARDO SCHWALBACH

primimento, velocidade
anti-aereos e 15.000

EDITOR — ARIOSTO SATURNINO

Endereço telegrafico: —
Telef.: 23132-23133-231

DA ESPANHA

adearam ontem
ontra Madrid

«vermelhos» contra
as de Varela

TALAVERA DE LA REINA, 29.—(Do en-
viado especial da «Havasa, d'Hospital—
Atrasado»). — O ataque de surpresa lançado
pelos governamentais no flanco direito do
exercito de Varela, embora habili e rapida-
mente recidizado, foi duramente repellido.
Pouco depois das 8 horas os posicoes
variancia da retaguarda das colunas
aristadas que vindos de Aranjuez, avan-
cavam dois combóios, sendo um dees blindado
e outro conduzindo tropas. Os combóios
pararam entre Cienzoques e Valde-
morco, onde a linha está cortada, e rompe-
ram fogo violento. Os milicianos tomaram
posicoes de combate apoiados por metra-
ladoras e pelo fogo de artilharia do combóio
blindado. No mesmo momento surgiu
do vale do Jarame mais colunas de cavalaria
vermelha.

Os comandantes das colunas naciona-
listas, cujos nomes se não podem citar por
causa de indiscreções involuntarias, concen-
traram todas as suas forças, entre as quaes
se contavam importantes desarmamentos de
cavalaria, e dispuseram em formacoes de
combate tres baterias de artilharia numa
zona inferior a 300 metros.

O duto de artilharia e fuzilaria durou
uma hora. Os vermelhos, atirados en-
chido pelo fogo dos nacionalistas, depois de
terem avançado ao Sul, pararam o ataque
e, subitamente tomados de pânico, retra-
tam-se. Os milicianos procuraram voltar para
o combóio que os trouxera, mas a cavalaria
nacionalista não lhes deu tempo, lançan-
do-se em sua perseguição. Os vermelhos dis-
pararam-se em desordem, pelo campo,
abandonando armas e munições e sofrendo
grandes baixas.

Novos apêlos dos deputados britânicos
para a evacuação de Madrid

MADRID, 29.—Depois de chegarem a Ma-
drid, os parlamentares ingleses percorreram
a cidade, verificando os estragos causados
pelo bombardeamento e a necessidade da
evacuacoes urgente da populacoes não com-
batente. Um desses parlamentares, James
partiu esta manhã para Alicante com o
relatorio. Ignoram-se as conclusões, mas
sabese que os deputados britânicos decli-
raram telegrafar a Blum e Baldwin para pe-
dirmos que a Franca e a Inglaterra man-
dem cada uma mil camiões com pessoal
para socorrerem a evacuacoes de capital.—
(Havasa).

FRANCO-NIPONICO

ção das potencias e a provocar
mprensa de varios países



SEMANARIO

Fernando Pessoa

Faz hoje um ano que morreu o grande
poeta Fernando Pessoa, que muitos admi-
ram, alguns compreendem e poucos conhe-
ceram. Certas palavras suas, escritas pou-
cos meses antes de morrer, foram mal in-
terpretadas por quem não estava habituado
aos jogos da sua intelligencia maravilhosa, a
essa volupia subtil de contradizer para di-
zer... Houve até quem, de boa fé, o jul-
gasse, diante dessas palavras, simples ins-
trumento de forças occultas e malficas. In-
justica não premeditada, filha dum combate
necessario, mas que convem reparar no
primeiro aniversario da sua morte. Erro evi-
dente, erro de poeta certo, esse ultimo des-
porto da sua assobrosa dialéctica, para a
qual todas as ideias eram verdadeiras por-
que eram ideais... Mas só quem não o co-
nheceu pôde encontrar origens tenebrosas
á simples gymnastica do seu espirito, que
nunca temeu os abismos ou os saltos mor-
taes. Interesse? Cabotinismo? Servidão? Pa-
lavras hereticas quando se fala do autor
da «Veniagem», que foi a imagem do pro-
prio desinteresse. Fernando Pessoa, que nun-
ca procurou a gloria e se esquivava como
uma sombra por becos e travessas para a
evitar, passou a sua vida modestissima a en-
terrar, no fundo de gavetas e caixotes, sem
conseguir ir-lhes a morte, os seus versos,
que serão eternos. As unicas obras suas que
vendeu, para garantir o seu pão, foram as
cartas em inglés impeccavel que escrevia
para alguns escritorios comerciais da Bai-
xa... Detestando o barulho, a publicidade,
o acovelamento, este intelectual puro,
que sempre viver, ao contrario do que pen-
sam alguns, como Fernando Ninguem... Mas
foi — o tempo o confirmará — uma ver-
dadeira pessoa, uma grande pessoa!...

Alma sem fim...

Duridou-se tambem, igualmente do bo-
fé, do seu nacionalismo, que lheir para
sempre demonstrado nalguns dos seus poe-
mas heroicos, autenticos padroes. Quem
disse tambem do que com nã hoje, o in-
finito do nosso sonho, da nossa insatisfa-
ção? São dele estes versos onde marulha
toda a nossa epopeia:

Que o mar com fim serã ergo ou romano:
O mar sem fim é portuguez...

A Arte e o Fascismo

E' hoje que se realiza, na sede do S. P. N.,
pelas dezoito horas, a conferencia de
Alessandro Pavolini sobre a arte e o Fas-
cismo? Deveria ouvir todos aqueles
que ainda não sabem ou não querem sa-
ber que um Estado novo, se quer dis-
tinguir-se por imagens, se deseja ter um
rostro na Historia do Mundo, deve criar uma
nova expressao de arte, certamente com ra-
zes no passado mas com ramos e flori-
çoes que se integrem no presente e se pro-
fectem no futuro. O mussolinismo criou a
sua arte, as suas linhas, os seus volu-
mes, as suas cores. E' tempo de lhe se-
guirmos o exemplo. Que se comece a pen-
sar, antes em D. João V o mais em Salazar...

Legendas

- ◆ A amizade, quando merece tal nome,
é inconscientemente parcial. Desconfia, por-
tanto, do teu amigo imparcial.
- ◆ A simpatia não exclue a inimizade.
- ◆ A simpatia é a amizade de salão.

CARDIAL DIABO

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

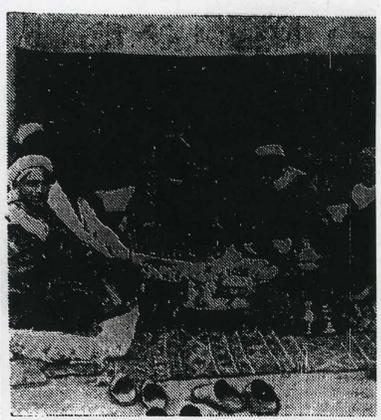
Lisoneiras referencias de «La Nation Belge»

PARIS, 28.—O jornal de Bruxelas «La
Nation Belge» publicou uma correspondencia
do seu enviado especial a Espanha,
Charles Ydewalle, na qual compara a si-
tuacao das duas nações peninsulares Be-

POR TERRAS DE MAI

UMA CÔRTE EM C

Diario da viagem de S. A. I. o C
pelo Riff e região ori



UM CAID TOMA CHÁ COM ALGUNS AMIGOS

TARGUIST, 28, ás 14.30.

Durante o almoco, na volta de Châib, o
capitão J... fala-me com entusiasmo da
vida no Bled. Vai partir para um posto
lombiano, onde não terá consocio um unico
europeu. Sei pelas camaradas quanto é
conhecido e respeitado em todas as exibi-
çoes. Muitas vezes foi solicitado a sua au-
toridade para decisao de melindrosos plei-
tos, dessas perigosas rivalidades entre duas
tribus que só pode bem entender quem es-
teja meio islamizado!

— Os mouros gostam realmente de esty
— pergunto-lho ao levantar-me.

— Não sei... — responde, modesto, com o
seu ar de criança grande, os olhos molha-
dos de sonho — Eu gosto destes Vivos já
em cima, nas escarpas do Riff, uma vida
pura, dentro de uma paz bíblica e con-
vencido de que faço alguma coisa de útil,
quando patriarcalmente esta boa gente,
antes a encontrar no deserto com mon-
tes de que as montanhas em pedregalhos,
caelos de repetidos e de bars onde se
bebe e joga antes a solidão e o silencio
do que a cidade tristemente alegre onde
se passava sem querer no vicio e na des-
lealdade — onde nos guiam ao caminho
diabos de sal! Fugir dessas tentações; o
menor mal que podem fazer é anular-nos.

Vamos partir. Vamos subir e descer mon-
tanhas em direccao ao mar, numa extensao
de cem quilometros.

Despeço-me com saudade de Targuist —
acampamento aséptico de fiéis soldados, lug-
ar de penitencia de amorosos, escola de
heróis.

CORDILHEIRA DO RIFF, ás 17.

Fizemos alto para reunir e ordenar a
caravana, um pouco dispersa pela tribu-
lhosos ascensao. Na verdade pode chama-
se a muralha de defesa do Imperio aos
destiladores agrestes que acabamos de
transportar pela sarganta de Axdir (Riff, em
cabeça, situada muito, á esquerda do acam-
pamento do sulão).

Estamos nas terras dos famosos Beni
Urragheil, num pinheiro de onde se avista
pela primeira vez o espejo azulado da
baía de Alttucemas. Tem miltones de

arvores, que
sem rebanhar
tantos? Multi-
meira solitária
estes molins
mais descuri-
a, fazendo
do da cam-
da bandeira
sua oração
das lançada,
toiba podem
vemos a mar

Finalment
velos de pó
ruido surdo
agitados pel
a desferar,
avistam o g
o ar as sua
carreira Est
que se emp
berda, excita
tal o Pachá
so encontro
da entrada
tejo na ord
ruas. Como
alturado se
da pequena
o Pachá, fei
só tem que
cavalgando
Acoblimen
proprio dau
cathuo nas
ques de clar
finencia, ba
fiano. Passa
ras e uma c
cos, onde s
veladas, nu
coloridos e
mesmo dell
— Ju. II.

— Vm. E
Muley M
distinguido
nas pelo fe
corrim-se:
— Viva E

Fig. 1. Fac-símile parcial da página do Diário de Notícias
de 30 de Novembro de 1936.

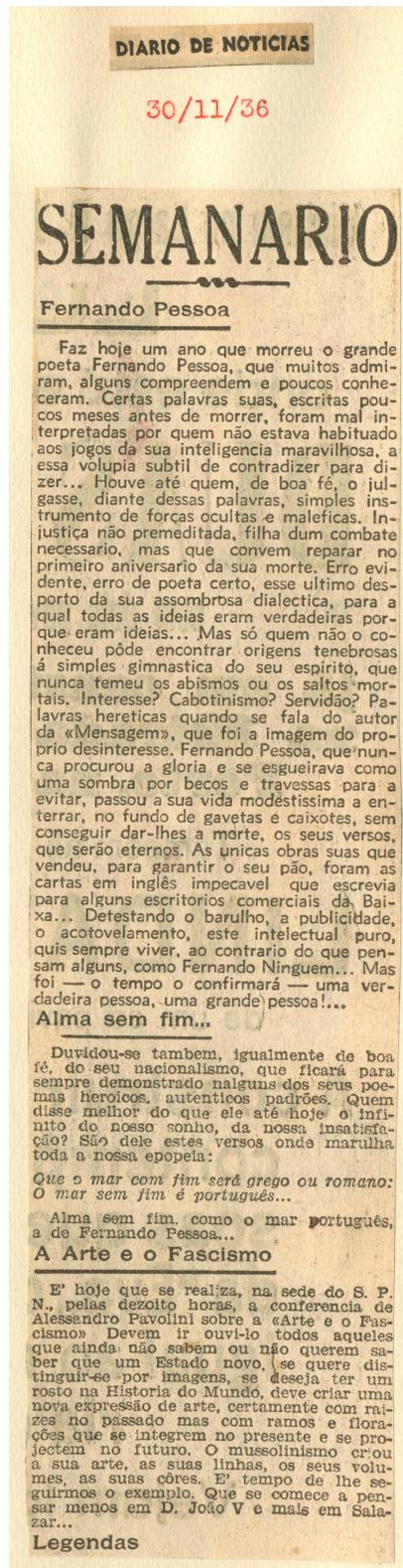


Fig. 2.

Fernando Pessoa

Faz hoje um ano que morreu o grande poeta Fernando Pessoa, que muitos admiram, alguns compreendem e poucos conheceram. Certas palavras suas, escritas poucos meses antes de morrer, foram mal interpretadas por quem não estava habituado aos jogos da sua inteligência maravilhosa, a essa volúpia subtil de contradizer para dizer... Houve até quem, de boa-fé, o julgasse, diante dessas palavras, simples instrumento de forças ocultas e malélicas. Injustiça não premeditada, filha dum combate necessário, mas que convém reparar no primeiro aniversário da sua morte. Erro evidente, erro de poeta certo, esse último desporto da sua assombrosa dialéctica, para a qual todas as ideias eram verdadeiras porque eram ideias... Mas só quem não o conheceu pôde encontrar origens tenebrosas à simples ginástica do seu espírito, que nunca temeu os abismos ou os saltos mortais. Interesse? Cabotinismo? Servidão? Palavras heréticas quando se fala do autor da *Mensagem*, que foi a imagem do próprio desinteresse. Fernando Pessoa, que nunca procurou a glória e se esgueirava como uma sombra por becos e travessas para a evitar, passou a vida modestíssima a enterrar, no fundo de gavetas e caixotes, sem conseguir dar-lhes a morte, os seus versos, que serão eternos. As únicas obras suas que vendeu, para garantir o seu pão, foram as cartas em inglês impecável que escrevia para alguns escritórios comerciais da Baixa... Detestando o barulho, a publicidade, o acotovelamento, este intelectual puro quis sempre viver, ao contrário do que pensam alguns, como Fernando Ninguém... Mas foi — o tempo o confirmará — uma verdadeira pessoa, uma grande pessoa!...

Alma sem fim...

Duvidou-se também, igualmente de boa-fé, do seu nacionalismo, que ficará para sempre demonstrado nalguns dos seus poemas heróicos, autênticos padrões. Quem disse melhor do que ele até hoje o infinito do nosso sonho, da nossa insatisfação? São dele estes versos onde marulha toda a nossa epopeia: “Que o mar com fim será grego ou romano: | O mar sem fim é português...”

Alma sem fim, como o mar português, a de Fernando Pessoa...

A Arte e o Fascismo...

É hoje que se realiza, na sede do Secretariado de Propaganda Nacional, pelas dezoito horas, a conferência de Alessandro Pavolini sobre “A arte e o Fascismo”. Devem ir ouvi-lo todos aqueles que ainda não sabem ou não querem saber que um Estado novo, se quer distinguir-se por imagens, se deseja ter um rosto na História do Mundo, deve criar uma nova expressão de arte, certamente com raízes no passado mas com ramos e florações que se integrem no presente e se projectem no futuro. O mussolinismo criou a sua arte, as suas linhas, os seus volumes, as suas cores. É tempo de lhe seguirmos o exemplo. Que se comece a pensar menos em D. João V e mais em Salazar...

Legendas...

A amizade, quando merece tal nome, é inconscientemente parcial.
Desconfia, portanto, do teu amigo imparcial...

A simpatia não exclui a inimizade.

A simpatia é a amizade de salão.

CARDIAL DIABO

Bibliografia

- ANDRADE, Adriano Guerra (1999). *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa : Biblioteca Nacional.
- BLANCO, José (2008). *Pessoana*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2 vols.: Bibliografia passiva, selectiva e temática referida a 31 de Dezembro de 2004; e Índices.
- PESSOA, Fernando (2011). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição de José Barreto, Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa, Nova Série; coordenadas por Jerónimo Pizarro.